

APRESENTAÇÃO

Furio Jesi (1941-1980), que para muitos leitores hoje só se tornou conhecido graças às referências sempre muito elogiosas de Giorgio Agamben, muito colaborou, não só na elaboração de alternativas a um pensamento dialético, mas também na conceituação das relações entre imagem e poder. Assim, em *O aberto*, Agamben relembra que a máquina antropogênica (ou antropológica, acatando a denominação de Furio Jesi) não passa de uma máquina *ótica* e, longe de manter o mito à distância, ela funciona como um labirinto que interioriza aquilo que também mantém distante. Nessa ambivalência que, nos estudos de uma filologia desconstrutiva, Werner Hamacher qualificaria de distância íntima ou interna, o que era, de início, um paradigma epistemológico, confirma-se, na verdade, como um paradigma poético, e vice-versa, uma questão poética (Como criar uma ficção? Qual o sentido de um manifesto? Qual o conteúdo de uma revista?) tem um inegável valor epistêmico.

A questão introduz um dos mais densos paradoxos de que não só Jesi mas também Agamben foram conscientes. A partir do mito, o do reino messiânico, por exemplo, um outro mundo e um outro tempo devem se manifestar neste mundo e neste presente, mas isso significa, de um lado, que o tempo histórico não pode ser obliterado mas, simultaneamente, o tempo messiânico não é feito do mesmo pano que o tempo da história. Em consequência, ambos os tempos convivem conforme uma lógica que não é possível reduzir a uma alternativa excludente e binária. Guimarães Rosa constantemente martela: “É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...”. Mas se o próprio Rosa era consciente de que todo criminoso feroz, qualquer Matraga, é sempre muito bom marido, bom filho, bom pai, e bom amigo-de-seus-amigos, é porque, à disjuntiva *ser/não ser*, *tupy or not tupy*, é preciso acrescentar um terceiro termo que Jesi denomina “não há” ou, no original, “*ci non è*”. Mais do que

ver nele uma *nuvem* ou um *magma*, como diria Rosa, ou uma formação de compromisso, como a denominaria a teoria política mais convencional, Jesi e Agamben veem, nessa fórmula, uma tentativa de iluminar a estrutura escusa e não aparente do próprio tempo histórico. Agamben, em particular, desenvolveu-a a partir de *Homo sacer*. Os textos esparsos de Furio Jesi, aqui resgatados por Vinícius Nicastro Honesko e Davi Pessoa Carneiro, muito nos auxiliarão não só para termos uma noção mais cabal e profunda da riqueza do pensamento de Jesi, como também para conceituarmos o elusivo presente de nossa cultura.

Raúl Antelo